

A literatura infantil africana: rompendo com a cultura hegemônica

African children's literature: breaking with hegemonic culture

DOI:10.34117/bjdv6n11-448

Recebimento dos originais: 16/10/2020

Aceitação para publicação: 16/11/2020

Monica Abud Perez de Cerqueira Luz

Pós Doutora em Educação, Arte e História da Cultura, no Mackenzie, 2019.

Professora Mestrado em Educação na UNIB.

Endereço completo: Unib - Av. Interlagos, 1329, 4º, Chácara Flora, São Paulo, CEP 04661-100

E-mail: mapcluz@hotmail.com

Flávia Abud Luz

Doutoranda em Ciências Humanas e Sociais (UFABC)

Universidade Federal do ABC (UFABC)

Endereço completo: UFABC – Av. dos Estados, 5001 – Bangú, Santo André, São Paulo, CEP 09210-580

E-mail: flavia.abud.luz@hotmail.com

Carlos Augusto França Ferreira

Mestrando em Educação na UNIB

Endereço completo: Unib - Av. Interlagos, 1329, 4º, Chácara Flora, São Paulo, CEP 04661-100

E-mail: carlosferreira883@yahoo.com.br

Bruno Fernandes Fulle

Mestrando em Educação na UNIB

Endereço completo: Unib - Av. Interlagos, 1329, 4º, Chácara Flora, São Paulo, CEP 04661-100

E-mail: brunofulle@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho teve como principal objetivo analisar os discursos veiculados em livros de literatura infantil a partir de uma perspectiva pós-estruturalista e de alguns apontamentos de Foucault (2014a, 2014b) sobre a articulação entre o discurso, poder e conhecimento. Utilizaremos para análise os livros de literatura infantil produzidos após a promulgação da Lei n.º 10.639/2003, que estabeleceu a inclusão no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, buscando compreender como os discursos e as formas textuais e iconográficas podem ou não trazer uma carga intencional, estereotipada, naturalizada e constituída do que é ser negro nos dias de hoje. Discutiremos se o gênero literário infantil pôde oportunizar por meio da narrativa, reflexões acerca das representações do negro e da negra contidas nas obras de literatura infantil sob a luz das seguintes categorias: oprimido, conscientização e identidade negra. A nossa hipótese inicial é a de que, após a implementação da Lei n.º 10.639/2003, os discursos sobre os personagens negros e negras mantêm a operacionalização do racismo na literatura infantil. Do ponto de vista teórico-metodológico, a pesquisa é qualitativa, de cunho etnográfico. Debruçaremos sobre vinte e sete obras pertencentes ao arquivo de uma Biblioteca Municipal, da cidade de São Paulo, com o intuito de entender como são representados os personagens negros e negras na literatura infantil. Para a consecução do objetivo, tomamos as representações dos personagens negros e negras contidos em vinte e sete obras analisadas ao longo do trabalho. Destacamos após a pesquisa que dos vinte e sete livros analisados, dois deles apresentam discurso normativo, racista e preconceituoso; o que demonstra que nossa hipótese inicial não se confirma.

Palavras-chave: Literatura infantil, Racismo, Identidade negra, Relações raciais.

ABSTRACT

The present work has as main objective to analyzed the discourses carried in books of literature from a post-structuralist perspective and Foucault (2014a, 2014b) on the articulation between discourse, power and knowledge. We will use for analysis the books of children's literature produced after the promulgation of the Law 10.639 / 2003, which established the inclusion in the official curriculum of the school system of the "History and Afro-Brazilian Culture" theme, seeking to understood how discourses and textual and iconographic forms may or may not bring a burden intentional, stereotyped, naturalized and constituted of what it is to be black these days. We will discuss if the children's literary genre can opportunized through narrative, reflections about the representations of the black and the black contained in the works of children's literature under the light of the following categories: oppressed, black conscientization and identity. Our hypothesis that after the implementation of Law 10.639 / 2003, the black and black characters keep the operationalization of racism in children's literature. Of theoretical-methodological point of view, the research is qualitative, of an ethnographic nature. We will look at twenty-seven works belonging to the archive of the Paulo Municipal Library Duarte with the to understand how black and black characters are represented in children's literature; our object of study. In order to achieve the objective, we take the representations of black and black characters contained in the twenty-seven works analyzed throughout the work. We highlight after the research that of the twenty-seven books analyzed, two of them present normative and biased discourse; which demonstrates that our initial hypothesis does not confirms.

Keywords: Children's literature, Racism, Black identit, Race relations.

1 INTRODUÇÃO

A definição da temática do artigo origina-se exatamente por essa lacuna: a invisibilidade dos personagens negros nas histórias infantis é um grande desafio ao dar como sinônimo os conceitos de diferença e diversidade produzindo um discurso homogeneizado sobre a identidade, desconsiderando as particularidades dos sujeitos, suas histórias e culturas.

Um país constituído por um povo mestiço, onde o racismo e suas práticas excludentes perpetuam sorratamente desde a abolição da escravatura em 13 de maio de 1888 até os dias atuais.

O mito da democracia racial¹ sustenta uma pseudo-harmonia entre brancos e não brancos que não existe. Ele surge como um legado da escravidão que levou a um desenraizamento do povo negro de suas marcas históricas.

Os conceitos utilizados para estudar a questão racial são ambíguos, podendo ser interpretados diferentemente, como por exemplo o conceito de “raça”².

Até mesmo os biólogos afirmam que “raças” não explicam as diferenças existentes entre os homens do ponto de vista genético, as características fenotípicas são entendidas como diferenças raciais pelos sujeitos envolvidos nas relações que estabelecem com os outros. Por essa razão, o conceito de “raça” é utilizado nos estudos que abordam as relações entre brancos e negros no Brasil.

Outro conceito mais abrangente para substituir o conceito de “raça” é a etnia, que tem como objetivo definir uma homogeneidade cultural que distingue um grupo em relação aos demais; no entanto, é complexo perceber a homogeneidade cultural que distingue um grupo em relação aos demais.

Acreditamos que por meio do resgate de sua identidade, o negro poderá se livrar do seu complexo de inferioridade e posicionar-se em pé de igualdade com outros oprimidos não negros, travando uma luta de classes, visto que raça e classe no Brasil são duas variáveis da opressão na estrutura de uma sociedade de classes.

¹ O Mito da democracia racial é a ideia de que haveria no Brasil, ao contrário de outros países como África do Sul e Estados Unidos, uma convivência pacífica entre as etnias, além do que todos teriam individualmente chances iguais de sucesso. Conceito derivado da obra de Gilberto Freyre, sociólogo brasileiro dos anos de 1930, responsabilizado pela criação deste “mito” embora não tenha dito ou escrito de forma explícita o referido conceito. Por meio de sua obra *Casa-grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*, teria surgido esta ideia de que no Brasil não há racismo.

² “Raça”: segundo Quijano (1997), raça são índios, negros e mestiços, advindos do processo de dominação exercido pela Europa na América, foi de fundamental relevância para o surgimento de um novo padrão de poder mundial – o capitalismo – sendo assim a primeira identidade da modernidade. Surge então uma necessidade perversa de codificar, de pontuar e classificar as diferenças entre metrópole e periferia, europeus e nativos da América, enfim, entre conquistadores e conquistados. Toda esta diferenciação vai ser possível a partir da criação do conceito de raça em seu sentido moderno. Este será constituído a partir da visão europeia, que utiliza da biologia para buscar sua legitimação. Desta forma, seria natural, dentro do universo dos seres humanos, que uns seriam “naturalmente” superiores e inferiores em relação aos outros.

O ideal de branqueamento³ e o mito da democracia racial foram para Munanga (2015), na obra *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade nacional versus identidade negra*, impeditivos para a organização política, social e de consciência coletiva dos negros. A elite político-social tentou assimilar as diversas identidades existentes no país de modo eurocêntrico, mesmo com os movimentos de resistência cultural dos povos oprimidos: indígenas e negros.

Esse artigo pretende analisar como o personagem negro e sua cultura está sendo representado na literatura infantil por meio da ótica da contra-hegemonia do poder e de luta contra a exclusão social, em livros produzidos após a Lei n.º 10.639 (BRASIL, 2003), com enfoque no protagonismo do povo negro e na cultura afro-brasileira. O acervo faz parte de uma Biblioteca Municipal da cidade de São Paulo.

Nossa hipótese inicial é a de que existe a operacionalização do racismo nas representações dos personagens negros e negras contidas nos livros de literatura infantil publicados após a Lei n.º 10.639/2003.

A relevância da pesquisa está na ampliação da discussão sobre as configurações das relações sociais entre negros (as) e brancos (as) na literatura infantil, com vistas à promoção da igualdade e respeito à diversidade.

A análise de discurso será feita a partir de Foucault, com base nas obras *A ordem do discurso* (2014) e *A arqueologia do saber* (2014), visando, assim, compreender como o discurso constrói e se manifesta nas obras literárias que compõem nosso universo da pesquisa.

2 LITERATURA INFANTIL

Em uma breve retrospectiva, a literatura infantil surgiu no século XVII com Fenélon (1651-1715), justamente com a função de educar moralmente as crianças, demarcando o bem a ser aprendido e o mal a ser desprezado.

Em 1695, Charles Perrault (1628-1703) traz ao público narrativas folclóricas contadas pelos camponeses. Dentro desse contexto, Perrault trouxe a história moralizadora, normativa e austera.

No século XIX, os livros infantis começavam a se firmar no cenário literário. Autores começavam a criar histórias mais interessantes para crianças. Alguns livros infantis desse período mantêm-se populares ainda hoje, como *Alice no país das maravilhas*, escrito por Lewis Carroll e publicado na Inglaterra em 1865.

³ Segundo Munanga (2015), o processo de construção da identidade brasileira deveria seguir a elite dominante, sendo, portanto, baseado no ideal do branqueamento. Tornar-se branco, para alguns negros, era escapar da discriminação racial, social, da exclusão.

No início do século XIX, muitos livros eram coleções de contos de fadas ou de contos folclóricos e traziam histórias com criaturas e objetos mágicos que fascinavam as crianças.

Os irmãos alemães Grimm, 1882, publicaram histórias sobre personagens como a Bela Adormecida e Cinderela, além de muitos outros contos famosos entre os leitores até hoje.

No Brasil, em 1808, a circulação dos livros infantis no país era muito precária e as poucas obras que chegavam eram representadas por edições portuguesas.

A literatura infantil brasileira faz sua aparição em território nacional no final do século XIX. Os primeiros livros infantis brasileiros na República assumem o papel de colaboradores no processo de escolarização das massas.

No século XX, no Brasil, o primeiro grande marco da literatura infantil brasileira foi *A menina do narizinho arrebitado* (1920), do escritor paulista Monteiro Lobato.

Na década de 1950, Cecília Meireles publica o livro *Problemas da literatura infantil*. A autora vê na literatura infantil tem um aspecto formativo.

Os anos de 1970 e 1980 surgiram escritores como Ana Maria Machado, Fanny Abramovich, Lygia Bojunga, Joel Rufino dos Santos, Marina Colasanti, Sylvia Orthof, Ricardo Azevedo, Ruth Rocha, Tatiana Belinsky e muitos outros. Na poesia, destacavam-se autores como José Paulo Pais, Roseana Murray e Elias José.

Dos anos 80 até os dias atuais surgiram tendências literárias que abordam o realismo-denúncia ou romances em série, representados por Stella Carr, Pedro Bandeira e Ana Maria Machado, que buscam levar os leitores a explorar as relações do cotidiano. A linguagem da informática, também uma tendência atualmente, exige do leitor a sua interação com o texto literário como nas obras de Angela Lago.

Encontram-se no mercado editorial, diversos livros de literatura infantil que se anunciam comprometidos com a produção de significados sobre toda e qualquer produção humana. Se antes havia a exaltação da branquitude, da juventude, de posições fixas masculinas e femininas, valores cristãos, hoje pode-se encontrar uma literatura infantil povoada de características e referências de grupos sociais minoritários, que sempre se viram excluídos ou silenciados nas histórias escritas para o público infantil.

O personagem negro vem ocupando lugar de coadjuvante nas histórias e na vida, oprimido pelas relações de poder e pelos padrões de beleza dominantes e eurocêtricos. O personagem negro foi se tornando aos poucos, na literatura infantil, subserviente e conivente com os saberes dos brancos, gerando um reforço negativo dessa etnia como uma classe marginalizada e inferiorizada.

Analisar a relação entre literatura infantil e negritude é refletir sobre um contexto de ausências. Inicialmente porque a própria história da literatura infanto-juvenil ainda está em construção e, ao tratar

a literatura afro-brasileira, a questão é complexa, uma vez que existem vários problemas referentes à historicidade do personagem negro no Brasil.

A questão da raça, segundo Quijano (1997), é a classificação social da população mundial de acordo com uma construção mental que expressa a experiência básica da dominação colonial e que desde então permeia as dimensões mais importantes do poder mundial, incluindo sua racionalidade específica, o eurocentrismo.

Na literatura infantil brasileira, conforme enuncia Jovino (2006), os personagens negros e negras parecem ter um espaço muito restrito visto que só aparecem nos livros no final da década de 1920 e início da década de 1930, sendo Monteiro Lobato uma referência deste período.

Segundo o autor

É preciso lembrar que o contexto histórico em que as primeiras histórias com personagens negros foram publicadas, era de uma sociedade recém-saída de um longo período de escravidão. As histórias dessa época buscavam evidenciar a condição subalterna do negro. (JOVINO, 2006, p. 187)

A cultura, os costumes e o conhecimento dessa população não eram descritos em sua inteireza e sim de forma pejorativa.

Com certeza é um grande desafio desenvolver na escola atividades que propiciem a valorização das múltiplas identidades que integram a identidade do povo brasileiro e a literatura infantil é um campo fértil de afirmação de padrões culturais e de autoafirmação étnica para a construção de um novo imaginário coletivo sobre o povo negro e sua cultura.

Dentro de toda essa complexidade, não se pode deixar de afirmar que a literatura infantil é importante na formação da criança em relação ao mundo que a cerca e em relação a si mesma.

3 QUESTÃO ÉTNICO- RACIAL NO BRASIL

O negro foi tirado de África, chegando ao Brasil com o intuito de trabalhar no serviço escravo, suprindo a falta de mão de obra na mineração, produção açúcar enfim, todo o tipo de trabalho. Explorados, homens e mulheres viviam como se fossem mero objetos para atender aos segmentos da raça dominante e permaneceram condenados a esse mundo que jamais se organizou para tratá-los de forma digna e igualitária, até a pseudo abolição, advinda da Lei Áurea, em 1888.

No início do século XX, no Brasil, a teoria do branqueamento perdurava; onde todos acreditavam que com a miscigenação, o país produziria pessoas mais brancas com superioridade física e cultural.

Fanon, nas suas obras *Pele negras, Máscaras Brancas* (2008) e *Os Condenados da Terra* (1979), produz uma crítica radical da colonização por meio de um olhar minucioso sobre as estratégias

de violência, subordinação e desumanização que produzem o *colonizado*. A descolonização implicaria anular e reinventar um suposto “sujeito colonial” na sua verdadeira humanidade.

O olhar crítico de Fanon para a relação entre construções em torno da noção de “raça”, dos processos de subjetivação e das estratégias de poder colonial tem interpretações semelhantes àsquelas de Foucault (2008) sobre *Biopoder e Governamentalidade*.

Ambos os autores acima mencionados discutem as implicações políticas da onipresença do corpo: seja envolto em símbolos culturalmente *diversos* ou desnudos pelas lentes da biologia genética, como um dos relevantes dilemas da modernidade.

A inserção dos africanos na colônia portuguesa não proporcionou condições sócio-históricas de igualdade. Houve no Brasil, o surgimento de um lugar intermediário para o homem mestiço, preto, pardo, branco, permeado por preconceito e discriminação contra o negro.

No Brasil, o racismo é fruto de uma essência histórica de discriminação e de negação dos direitos dos negros enquanto cidadãos brasileiros.

O racismo existe no Brasil e se apresenta de modo camuflado, assumindo formas de intolerância, ações de violência e ações camufladas de segregação e marginalização.

O preconceito contra os mestiços e negros não se limita ao campo da ideologia e até os dias atuais, está presente no modo operante da sociedade, estendendo-se assim as instituições escolares.

Nesse tocante, muito nos interessava analisar livros de literatura infantil que trouxessem questões raciais e tivessem sido produzidos após a Lei 10.639/2003, que obriga as escolas ensinar história e cultura afro-brasileira, incluindo temas como: história da África e dos africanos, a luta dos negros no contexto brasileiro e sua contribuição nas diversas áreas da história e da cultura do Brasil. Em 2004, foi publicada a Resolução n.º 01/04, do Conselho Nacional de Educação, que estabelece as diretrizes curriculares nacionais para nortear as políticas de educação para a população negra brasileira.

A Lei n.º 10.639/2003, sobre ensino de história e cultura afro-brasileira, é uma ruptura no ciclo educacional que perpetua o racismo, a discriminação racial e o preconceito. Propõe que as crianças aprendam uma nova história: realista e respeitosa, a partir de conteúdos sobre as lutas de libertação que o negro trava até os dias atuais, em busca dos seus direitos de cidadão.

A educação das relações étnico-raciais tem por objetivo divulgar e produzir conhecimentos, atitudes, posturas e valores que enfatizem a pluralidade étnico-racial, capacitando desde cedo as crianças a interagir, respeitar as diferenças e valorizar as identidades.

O conceito de *identidade* não pode ser entendido por apenas uma definição, uma vez que sua construção está associada ao meio em que o indivíduo está inserido.

Munanga (1994) ao falar sobre identidade, reitera que

[...] a identidade é uma realidade sempre presente em todas as sociedades humanas. Qualquer grupo humano, através do seu sistema axiológico sempre selecionou alguns aspectos pertinentes de sua cultura para definir-se em contraposição ao alheio. A definição de si (autodefinição) e a definição dos outros (identidade atribuída) têm funções conhecidas: a defesa da unidade do grupo, a proteção do território contra inimigos externos, as manipulações ideológicas por interesses econômicos, políticos, psicológicos, etc. (Munanga, 1994, pp.177-178)

Entendemos que o processo de construção da identidade étnico-racial no Brasil é complexo, pois os discursos relacionados à miscigenação e cultura geram polêmicas e criam novos paradigmas.

Ao tratarmos do material disponibilizado nas bibliotecas, tanto os livros didáticos quanto os paradidáticos, sabemos que vêm sofrendo críticas por parte do Movimento Negro Brasileiro e, também pelos educadores e pesquisadores da área.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira (BRASIL, 2004) ressaltam a importância da comunidade escolar na indagação e críticas acerca dos livros recebidos, visando à correção e renovação, visando à valorização e à promoção da igualdade racial.

A partir da seleção dos vinte e sete livros que versavam sobre o tema étnico-racial e cultura africana, foi iniciada a investigação sobre quais livros poderiam ser objeto de análise, segundo a categoria identidade, por nós elencada.

Para nossa orientação, foi utilizado o arquivo informatizado de uma Biblioteca Municipal, na cidade de São Paulo, que trouxe as seguintes informações: título do livro, autor, ano de publicação, tema abordado, a partir da busca pelos termos: literatura infantil, relações raciais, preconceito e diversidade étnica.

Encontramos 27 livros que traziam claramente as características étnicas e raciais que contemplavam os personagens negros, características étnicas e raciais (fenotípicas) como traços físicos: cor da pele, tipo de cabelo, olhos, nariz, boca, como protagonistas das histórias, suas culturas, hábitos, crenças; vivenciando situações corriqueiras do dia a dia.

Foi realizada uma análise interpretativa dos dados, apoiada no referencial teórico e na análise temática de conteúdo do material coletado (textos e gravuras) que nos permitiu um novo olhar quanto à realidade educativa e aos aspectos da afirmação da identidade racial.

O orgulho em ser negro, em afirmar sua identidade negra perante o mundo, em sair da condição de oprimido, libertando o opressor, e em mostrar o valor da sua cultura está presente nas obras: *Betina*, de Nilma Lino Gomes, ilustrado por Denise Nascimento; *Joãozinho e Maria*, de Cristina Agostinho e Ronaldo Simões Coelho, ilustrado por Walter Lara; *Sonho de Carnaval*, de Pedro Bandeira, ilustrado por Tatiana Paiva; *O piquenique de Catapimba*, de Ruth Rocha, ilustrado por Mariana Massarani; *As tranças de Bintou*, de Anna Sylviane Diouf; *O Cabelo de Lelê*, de Valéria Belém; *Obax*, de André

Neves, ilustrado por André Neves; **Bruna e a galinha d'Angola, de Gercilda de Almeida; Histórias da Preta, de Heloisa Pires Lima, ilustrado por Laura Beatriz; A princesa e a ervilha, de Hans Christian Andersen; Euzébia Zanza, de Camila Fillinger; A Cartilha do amigo, de Bettu Milan, ilustrado por Daniel Kondo; De grão em grão o sucesso vem na mão, de Katie Milway; Lendas da África Moderna, de Heloisa Pires Lima e Rosa Maria Andrade, ilustrado por Denise Nascimento; Luana – as sementes de Zumbi, de Oswaldo Faustino e Aroldo Macedo; Lendas e Fábulas, de Rogério Andrade Barbosa, ilustrado por Ciça Fittipaldi; Histórias africanas para contar e recontar, de Rogério Andrade Barbosa, ilustrado por Graça Lima; Os ibejis e o carnaval, de Helena Theodoro, ilustrado por Luciana Justiniani; A jornada do pequeno senhor tartaruga, de Inge Bergh e Inge Misschaert, ilustrado por Kristina Ruell; A história dos escravos, de Isabel Lustrosa, ilustrado por Maria Eugênia; A caixa de Zahara, de Adriana Morgado; Esconde-Esconde, de Ramón Aguirre; O jovem caçador e a velha Dentuça, de Lucílio Manjate; Meu avô africano, de Carmen Lúcia Campos; Caderno de rimas do João, de Lázaro Ramos, Dandara: seus cachos e caracóis, Maía Suertegaray.**

As imagens iconográficas e as imagens narrativas mostram representações positivas do negro e do afro-brasileiro, sem visões estereotipadas. Este fato foi evidenciado nas obras: **Histórias da Preta, Obax, Betina, Meu avô africano e A caixa de Zahara.**

Os conteúdos dessas obras são capazes de estimular, na criança negra, o orgulho de si própria e de seu pertencimento étnico, além da afirmação da identidade cultural.

Cabe ainda reiterar que, na obra *O Cabelo de Lelê*, de Valéria Belém (2012), o texto verbal conversa a todo o momento com o texto visual. A ilustração antecipa, de certo modo, a problemática de Lelê: por que seu cabelo é assim? O livro relaciona os aspectos fenotípicos dos personagens em busca da ancestralidade. Enfatiza o protagonismo de Lelê quando se utiliza de um livro sobre a África para resolver seu conflito.

As ilustrações deste livro são muito significativas: quando Lelê está descalça, enfatiza a tentativa de a personagem buscar suas origens por meio do contato com o chão ou com a terra. Os cabelos de Lelê são mais que moldura de seu rosto: emolduram as histórias, os traços de identidade do povo africano e do povo afro-brasileiro.

Em dado momento, o texto verbal diz:

“– Lelê não gosta do que vê”.

“– Joga o cabelo pra lá, puxa pra cá”.

“– Jeito não dá, jeito não tem”.

Diante da dúvida, a menina busca respostas em seu livro *Países Africanos*, onde a África é evidenciada como um continente centralizado. Lelê vê no livro cinquenta tipos de cabelos diferentes,

que são marcas identitárias de seu povo. Versos e imagens convergem para um mesmo local, um mesmo povo: os negros.

Lelê entende então o porquê de seus cabelos serem desse modo e se envaidece, pois tem na veia sangue dos negros e carrega consigo seus costumes e tradições.

Existe, nessa obra, a ressignificação em torno do simbolismo criado acerca da palavra negra e do povo africano.

Outra obra que não se pode deixar de mencionar, por sua grandeza e resgate da cultura africana, é *Obax*.

Quanto à história e cultura africana e afro-brasileira, os livros abarcam de modo positivo as tradições religiosas e culturais (mitos e lendas) nas obras literárias infantis: *Histórias Africanas para contar e recontar*, de Rogério Andrade Barbosa, ilustrado por Graça Lima; *De Grão em grão o sucesso vem na mão*, de Katie Milway; *Bichos da África, volume 1, Lendas e Fábulas*, de Rogério Andrade Barbosa, ilustrado por Ciça Fittipaldi; *Os Ibejis e o carnaval*, de Helena Theodoro, ilustrado por Luciana Justiniani; *Luana – as sementes de Zumbi*, de Oswaldo Faustino e Aroldo Macedo; *Lendas da África Moderna*, de Heloisa Pires Lima e Rosa Maria Andrade, ilustrado por Denise Nascimento; *A jornada do pequeno senhor tartaruga*, de Inge Bergh e Inge Misschaert, ilustrado por Kristina Ruell, que trazem a vivência do povo negro na sua ancestralidade. Os livros analisados trazem a história africana, apresentam questões religiosas, as danças e as contribuições dos negros para a sociedade.

O continente africano é evidenciado enquanto tal, com todas as suas riquezas e especificidades, em textos e gravuras.

Esses livros trazem referências para a constituição da identidade do povo negro, por meio da ancestralidade.

Para Hall (2006), a criança forma sua identidade ao longo do tempo por meio de processos inconscientes. Assim, a construção da identidade se inicia na infância e sofre influência de todos os referenciais com os quais ela irá se deparar. Deste modo, tendo a possibilidade de conhecer outros mundos e outras realidades, as crianças desenvolverão capacidades de crítica e de questionamento dos sistemas dominantes impostos.

Para analisar o discurso contido nessas vinte e sete obras, dentro da concepção foucaultiana, foram explorados ao máximo os materiais, pois estes estão imbuídos de produção histórica e política, onde as palavras são também construções, uma vez que a linguagem também é constituída de práticas.

Para Foucault (2014a), o discurso é uma materialização de ideologias e simboliza o poder, passando a ser então o objeto desejado. Esse poder de escravizar ou libertar, incluir ou discriminar é dado ao homem como produto de suas relações discursivas, perpassadas de ideologias.

Na análise empírica da pesquisa, pode-se constatar a existência de uma produção de livros infantis após a promulgação da Lei n.º 10.639/2003, que atende os pressupostos da referida Lei. A temática da pluralidade cultural é valorizada. As obras infantis pesquisadas, apesar de serem poucas, propiciam a vivência, a negritude, a preservação e a valorização da cultura afro-brasileira e africana, enfatizando o princípio da igualdade racial e perpetuando os conhecimentos ancestrais às novas gerações.

Dos vinte e sete livros analisados, apenas dois destes apresentam marcas de racismo contra o personagem negro e negra. São eles:

- a) *O Amigo do Rei*, de Ruth Rocha, ilustrado por Cris Eich (2009), que enfoca a hierarquização das raças;
- b) *Peppa*, de Silvana Rando (2009), que reitera a branquitude.

Entende-se que o racismo, ainda hoje, é um dos grandes problemas que marcam profundamente as relações sociais no Brasil.

Para Quijano (1997), “[...] o racismo mesmo que não seja a única manifestação da colonialidade do poder ele é, sem dúvidas, a mais perceptível e onipresente”.

A ideia de raça e principalmente as relações sociais fundadas a partir dos traços fenotípicos legitimados pela biologia criaram identidades sociais novas e subalternizadas. Desse modo, colonizadores oprimiam colonizados, destituindo-os até da própria identidade cultural.

Essa nova reestruturação social se associou aos papéis de cada um na estrutura de poder e de trabalho. A servidão coube aos “diferentes”, e o poder e o capital aos colonizadores.

A prática e a cultura de dominação do povo negro, desde o tráfico negreiro para o Brasil, geraram opressão, desumanização como viabilidade ontológica e como realidade histórica, devido à hierarquização das raças pelas ciências.

A desumanização é produzida pela violência do opressor aos *oprimidos*. Nesse contexto, a luta pela humanização do povo africano e afrodescendente, bem como a busca pela sua afirmação como pessoas se dá no momento em que libertam a si próprios e aos opressores, que os fazem *ser menos*.

A denúncia do racismo pela sociedade marca o início de um processo de superação das formas de preconceito e discriminação através de práticas emancipatórias e de resistência utilizadas por professoras e professores como estratégias para a transformação da realidade.

4 CONSIDERAÇÕES

Para que haja uma real descolonização das mentes é preciso a práxis e começarmos por nós mesmos; cada um deixando para suas gerações experiências de amorosidade, de respeito a todos os seres da natureza. É sem dúvida uma construção coletiva, com a desnaturalização dos preconceitos,

dos desrespeitos, partindo para uma construção de sujeitos que buscam a sua conscientização, descobrem seu inacabamento e procuram ser mais; ou seja, saem do senso comum, exercitam a reflexão.

Só assim, com a libertação do negro, poderíamos pensar no fim da oposição negro-branco, já que existe uma contradição que é baseada no poder que um polo detém sobre o outro.

A libertação é um processo histórico e coletivo; portanto a libertação do negro é também a libertação do branco, no sentido de que é o fim da dominação que sustentava a relação e o surgimento da significação social do que é “ser negro” e “ser branco”.

Alguns livros analisados reportam a questão do *oprimido*, como por exemplo:

- a) *O Amigo do Rei*, de Ruth Rocha (2009), ilustrado por Cris Eich;
- b) *Peppa*, de Silvana Rando (2009); pois segundo Paulo Freire (2006), a consciência não precede o mundo e o mundo não precede a consciência do mundo humano, mundo cultural, imbricado de significações construídas e desconstruídas constantemente pela atividade humana. E somente pode ser nessa ação dialética que ocorre a tomada de consciência do mundo pelo homem.

Outro aspecto importante na compreensão freiriana de consciência é sua finalidade, pois toda consciência é sempre consciência de alguma coisa.

Assim, o homem não se define pelo reflexo simples e direto do mundo que o rodeia e nem é definido por sua vontade ideal totalmente apartada de sua realidade. O homem se projeta pela síntese da relação dialética consciência-mundo: uma relação complexa de mão dupla, na qual a realidade vivenciada pelo homem tem o poder de condicioná-lo, mas não de determiná-lo, já que ele tem a possibilidade de, refletindo de modo crítico, atuar sobre essa realidade e modificá-la, terminando por modificar a si mesmo.

A consciência crítica surge por meio da investigação, problematização, reflexão e ação, a apreensão da causalidade autêntica.

O racismo é uma mazela histórica, cuja raiz de amargura se encontra na própria natureza humana.

O racismo não é um problema do negro somente, mas um problema de todos nós, cidadãos brasileiros, que só possuímos essa cultura diversa por causa da contribuição dos afrodescendentes. A superação do racismo só será possível quando o povo brasileiro compreender que essa luta é de todos nós, pois aquilo que fere a dignidade de um grupo acaba ferindo a dignidade de todos, sem distinção.

A realidade desumanizante não pode ser mudada sem que o homem tenha consciência de sua essência mutável. É necessário fazer do processo de conscientização a base para a educação

problematizadora e crítica, para que essa possa gerar uma ação de reflexão que permita ao indivíduo comprometer-se com a transformação do meio em que está inserido e com sua própria transformação.

Dentre as 27 (vinte e sete) obras literárias analisadas, 25 (vinte e cinco) obras atuam numa perspectiva de ruptura com os padrões eurocêntricos. Reiteram traços marcantes da cultura afro-brasileira como, por exemplo, o respeito aos mais velhos (ao griô que é o guardião da memória histórica do povo), à ancestralidade, à religiosidade; a relação humana positiva com a natureza e, principalmente, a aceitação do personagem quanto a sua raça e traços fenotípicos.

Os personagens são protagonistas das histórias e buscam sua vocação ontológica de humanizar-se.

Esses livros favorecem as crianças a questionarem as suas identidades étnico-raciais à medida que trazem para o centro as histórias e as raízes africanas. Fazem com que as crianças negras se identifiquem com o personagem e se aceitem de maneira positiva, não recorrendo ao branqueamento como forma de escamotear sua raça para serem aceitas na sociedade.

De um modo geral, esses livros desconstróem a ordem harmoniosa e contraditória ditada pela democracia racial, que é abordada também por Schwarcz (2001), ao analisar a mestiçagem de nosso povo e as políticas de branqueamento posteriores à abolição da escravatura, realizadas no Brasil no início do século XX. Ele afirma que foi produzido um racismo à brasileira: com diferenças raciais e com diferenças na coloração da pele, as quais acabam por demarcar desigualdades sociais reconhecidas na intimidade.

Schwarcz (2001) corrobora a ideia de que, ainda que o conceito raça já tenha sido desconstruído do ponto de vista biológico, ele continua ainda a ser um potente conceito descritivo e analítico das relações sociais.

Nesses livros analisados, a criança, ao se apropriar das narrativas, reconhece elementos de sua etnia e tradição, podendo viver momentos de satisfação. Deve-se reiterar que esses livros contribuem para o empoderamento das crianças negras inferiorizadas e oprimidas, possibilitando a relação entre as diferentes culturas e povos.

As características marcantes desses livros propiciam:

- a) a valorização da memória do povo negro, sua cultura e imagem;
- b) a presença de contos africanos e da tradição africana;
- c) que as temáticas abordadas dialoguem com as reflexões presentes sobre racismo e identidade brasileira;
- d) a presença de elementos que compõem a identidade do negro;
- e) a aproximação dos valores, costumes e hábitos do povo africano;
- f) uma reflexão para as crianças não negras de valorizar e respeitar a diversidade;

g) um universo mítico africano e as relações com o universo.

Dos 27 (vinte e sete) livros analisados, 2 (dois) deles apresentam como personagens principais crianças que não se aceitam como negras. O traço mais marcante é o cabelo e a cor. Assim, buscam o embranquecimento, transformando o que mais lhes incomoda, obedecendo a um apelo dominante.

Pela análise das gravuras, as personagens se identificam com a cultura e estética branca, desqualificando assim ao mesmo tempo a cultura e a estética negra.

O oprimido é desumanizado pela realidade objetiva da opressão e pela internalização da imagem do opressor, que o faz um ser duplo. Deste modo, o opressor se desumaniza e, ao desumanizar o oprimido, não se importa com o seu bem-estar.

O livro *O Amigo do Rei* tenta romper uma hierarquia de raças, invertendo o rumo da história. Apesar do esforço da autora, a questão racial é naturalizada e não há um movimento de reflexão sobre a temática racial.

Quanto ao livro *Peppa*, o adendo de que a protagonista se vê encantada pelos cabelos lisos que um salão de beleza poderia proporcionar-lhe, fica evidente a domesticação, que é um fenômeno que leva a pessoa à adaptação aos valores vigentes, criando uma atitude de internalização dos valores dominantes, sem questionamentos que contestem o sistema. A personagem perde a sua subjetividade e capacidade de construção de um pensamento crítico sobre si, sobre a sua história, sua ancestralidade.

Como salienta Fanon, em sua obra *Pele Negra, Máscaras Brancas*, escrito originalmente na década de 1940 e publicado em 1952, a cultura europeia, hegemônica e opressora, impôs ao negro um desvio existencial. Daí a necessidade de estudar sobre os problemas enfrentados pelo negro e jamais buscar entender o negro como problema.

A obra *Peppa* legitima a ação do poder soberano e do *biopoder*.

Segundo Foucault (2008), o racismo é um elemento importante na articulação e utilização do *biopoder* para subjugar e matar vidas. A obra aponta a domesticação de outro ser humano constitui uma negação do humano em sua plenitude. Dela resulta a acomodação, a não integração, a não produção de discursos.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, C.; COELHO, R. S. *Joãozinho e Maria*. Ilustrado por Walter Lara. Belo Horizonte: Mazza, 2013.
- AGUIRRE, R. *Esconde-Esconde*. São Paulo: Vergara & Riba, 2015
- ALMEIDA, G. de. *Bruna e a galinha d'Angola*. Rio de Janeiro: Pallas, 2004.
- ANDERSEN, H. C. *A princesa e a ervilha*. Rio de Janeiro: Travessa, 2011.
- BANDEIRA, Pedro. *Sonho de Carnaval*. Ilustrado por Tatiana Paiva. São Paulo: Moderna, 2012.
- BARBOSA, Rogério Andrade. *Histórias africanas para contar e recontar*. Editora do Brasil, 2001.
- BARBOSA, R. A. *Lendas e Fábulas*. Ilustrado por Ciça Fittipaldi. São Paulo: Melhoramentos, 2012. (Bichos da África, 1).
- BELÉM, V. *O Cabelo de Lelê*. Ilustrado por Adriana Mendonça. 2. ed. São Paulo: Ibec Nacional, 2012.
- BERGH, I.; MISSCHAERT, I. *A jornada do pequeno senhor tartaruga*. Ilustrado por Kristina Ruell. Tradução de Cristiano Zwiesele do Amaral. São Paulo: Pulo do Gato, 2014.
- BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.
- _____. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira*. Brasília, DF: MEC, 2004.
- _____. *Lei n.º 10.639, de 9 de janeiro de 2003*. Altera a Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília, DF, 2003.
- _____. *Orientações e ações para a Educação das relações étnico-raciais*. Brasília, DF: SECAD, 2006.
- CAMPOS, C. L. *Meu avô africano*. São Paulo: Panda Books, 2010.
- DIOUF, A. S. *As tranças de Bintou*. Tradução de Charles Cosac. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- FANON, F. *Os Condenados da Terra*. 2º ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- _____. *Pele negra, mascaras brancas*. Salvador: UFBA, 2008.
- FAUSTINO, O.; MACEDO, A. *Luana – as sementes de Zumbi*. São Paulo: FTD, 2007.
- FERNANDES, F. *A integração do negro na sociedade de classes*. São Paulo: Dominus, 1965.
- FILLINGER, C. *Euzébia Zanza*. São Paulo: Girafinha, 2006.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2014a.

_____. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014b.

_____. Aula de 11 de janeiro de 1978. In: FOUCAULT, M. Segurança, território e população. Cursos do Collège de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008, p.3-38.

_____. *Genealogia del racismo*. La Plata: Altamira, 1996.

GOMES, N. L. *Betina*. Belo Horizonte: Mazza, 2009.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HASENBALG, C. *Discriminação e Desigualdades Raciais no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

JOVINO, I. da S. Literatura Infante-juvenil com personagens negros no Brasil. In: SOUZA, F.; LIMA, M. N. (Org.). *Literatura Afro-brasileira*. Salvador: Centro de estudos afroorientais; Brasília, DF: Fundação Cultural Palmares, 2006.

LIMA, H. P. *Histórias da Preta*. Ilustrado por Laura Beatriz. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2010.

LIMA, H. P ; ANDRADE, R. M. *Lendas da África Moderna*. Ilustrado por Denise Nascimento. Rio de Janeiro: Elementar, 2010.

LUSTROSA, I. *A história dos escravos*. Ilustrado por Maria Eugênia. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1998.

MANJATE, L. *O jovem caçador e a velha Dentuça*. São Paulo: Capulana, 2016.

MEIRELES, C. *Problemas da Literatura Infantil*. São Paulo: Summus, 1979.

MILAN, B. *A Cartilha do Amigo*. Ilustrado por Daniel Kondo. São Paulo: Editora de Cultura, 2012.

MILWAY, K. *De grão em grão, o sucesso vem na mão*. São Paulo: Melhoramentos, 2008.

MORGADO, A. *A caixa de Zahara*. Rio de Janeiro: Zit, 2016.

MUNANGA, K. Identidade, cidadania e democracia: algumas reflexões sobre os discursos antirracistas no Brasil. In: SPINK, Mary Jane Paris (Org.). *A cidadania em construção: uma reflexão transdisciplinar*. São Paulo: Cortez, 1994. p. 177-188.

MUNANGA, K. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade nacional versus identidade negra*. Petrópolis: Vozes, 2015.

NEVES, A. *Obax*. Ilustrado por André Neves. São Paulo: Brinque Book, 2010.

QUIJANO, A. *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 1997.

RAMOS, L. *Caderno de Rimas do João*. Rio de Janeiro: Pallas, 2015.

RANDO, S. *Peppa*. São Paulo: Brinque Book, 2009.

ROCHA, R. *O Amigo do Rei*. Ilustrado por Cris Eich. São Paulo: Salamandra, 2009.

_____. *O piquenique do Catapimba*. Ilustrado por Mariana Massarani. São Paulo: Salamandra, 2010.

SUERTEGARAY, M. *Dandara: seus cachos e caracóis*. Ilustrado por Carla Pilla. Porto Alegre: Mediação, 2017.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Racismo no Brasil*. Publifolha, 2001.

THEODORO, H. *Os ibejis e o carnaval*. Ilustrado por Luciana Justiniani Hees. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.